

O SENTIDO DE ESSÊNCIA NA OBRA DE MATURIDADE DE MARX THE SENSE OF ESSENCE IN MARX'S MATURITY WORK

Cesar Mangolin

Doutor em Filosofia
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
Campinas, São Paulo, Brasil.
mangolin.cesar@gmail.com

RESUMO: O objetivo do artigo é apresentar o sentido de essência a partir da obra de maturidade de Karl Marx. Nossa tese é a compreensão de que é possível pensar num conceito de essência nas obras de maturidade associado ao conceito de modo de produção e de formação social, portanto, pensar num sentido de essência que evidencia uma ruptura com as chamadas obras de juventude de Marx (1840-1844).

Palavras – chave: corte epistemológico; essência; fenômeno; marxismo.

ABSTRACT: The purpose of the article is to present the sense of essence from the work of maturity of Karl Marx. Our thesis is the understanding that it is possible to think of a concept of essence in the works of maturity associated with the concept of mode of production and of social formation, therefore, to think in a sense of essence that shows a rupture with the so-called works of youth of Marx 1840-1844).

KEY WORDS: epistemological cut; essence; phenomenon; marxism.

INTRODUÇÃO

Há um corte epistemológico (cf. Althusser, 1967) que separa as obras de juventude de Marx das obras nas quais o materialismo histórico é desenvolvido. Marx não “supera”, no sentido hegeliano, sua problemática anterior: ele rompe com ela e dá início a uma teoria totalmente nova, ou seja, a uma nova ciência (o materialismo histórico) e a uma nova filosofia (o materialismo dialético). A ruptura que separa as duas fases pode ser estudada analisando a mudança de problemática de um momento a outro.

As obras de juventude estão marcadas pela problemática própria do humanismo teórico e, conseqüentemente, pela centralidade do homem, com larga influência da filosofia idealista alemã. Sendo válido tal pressuposto, podemos afirmar que é a busca de uma essência do humano e de sua realização que está em questão. Nas obras de maturidade, o ponto de partida de Marx está na análise das relações econômicas, compreendidas como estrutura determinante das demais em última instância.

Há conceitos distintos para cada fase: nas obras de juventude aparecem

como centrais os conceitos de alienação, emancipação humana, emancipação política, sociedade civil e sociedade política, um determinado papel atribuído ao Estado etc.; a partir da metade da década de 1840 outros conceitos adquirem importância dentro da produção teórica de Marx e Engels: relações sociais de produção, forças produtivas, modo de produção, luta de classes, formação econômica como processo histórico-natural, os humanos como criaturas dessas relações, estruturas (econômica, jurídico-política e ideológica), revolução, uma nova concepção do Estado, fetichismo (ideologia), enfim, conceitos novos e distintos do período anterior.

O sentido de essência também será distinto nas duas fases: na juventude, essência aparece como algo pertencente ao humano diretamente, como atributo seu; nas obras de maturidade, essência é o resultado da articulação das estruturas do modo de produção. Em cada uma das fases, o conceito de essência corresponderá a uma teoria da história, que por sua vez, determina uma prática política.

O objetivo do presente artigo é apresentar o sentido de essência a partir da análise das obras de maturidade de Marx. O que torna o tema teoricamente relevante é não haver nessas obras uma definição do conceito de essência, o que exige a análise do conjunto da obra, de alguns dos conceitos fundamentais do materialismo histórico e o recurso às contribuições de outros pensadores marxistas. Para uma exposição mais clara, partimos de algumas questões metodológicas e epistemológicas, depois para uma conceituação de essência e fenômeno e a relação existente entre essência, estrutura e modo de produção para, em seguida, tocar em aspectos fundamentais, como a distinção entre os conceitos de modo de produção e formação social e a necessidade de tratarmos como momentos distintos para a análise a reprodução de um modo de produção e a transição de um modo de produção a outro.

I. ESSÊNCIA A PARTIR DAS OBRAS DE MATURIDADE DE MARX

I.1. ALGUMAS QUESTÕES EPISTEMOLÓGICAS E METODOLÓGICAS

Essência e fenômeno são tratados aqui como uma unidade, visto que o fenômeno é parte da essência e não um elemento acidental que precisa ser posto de lado para que o conhecimento da essência ocorra.

Segundo Saad Filho (2011, p.21), as

“abordagens metafísicas, inclusive a lógica formal, veem o concreto como um aglomerado de elementos ontologicamente independentes, ligados apenas externamente e de forma mais ou menos contingente. As abordagens metafísicas geralmente se estruturam em torno de generalizações mentais. Para filósofos na tradição de Locke, Kant e Mill, esse é o único procedimento legítimo para o desenvolvimento conceitual.”

Em *De O Capital à filosofia de Marx* (1967a), Althusser avalia como estranho ao marxismo tratar o conhecimento como uma relação entre sujeito e objeto. A construção do conhecimento tratada apenas a partir das possibilidades cognitivas de um sujeito com relação a um objeto tende a separá-los (sujeito e objeto) do contexto histórico em que tal relação se estabelece, além de não considerar outras condições que podem interferir no processo.

Tanto Althusser (1967a) quanto Saad Filho (2011) criticam a separação entre essência e fenômeno que leva à compreensão da essência como a parte fundamental de qualquer objeto, sendo que tudo o mais aparece como fenômeno (entendido como o que não é essencial). A essência não está “atrás ou sob os fenômenos”, nem sua identificação “demanda a retirada de um véu” (Saad Filho, 2011, p.22). Portanto, a essência não pode ser a apreensão do elemento fundamental de um dado qualquer, despido de sua parte inessencial. Esse equívoco conduz à conclusão de que o conhecimento seria resultado de um processo depurativo da realidade, que levaria o sujeito ao conhecimento da parte essencial do objeto.

“Todo o processo empirista de conhecimento reside, com efeito, na operação do sujeito chamada abstração. Conhecer é abstrair a essência do objeto real, cuja posse por um sujeito se chama então conhecimento. [...] A abstração empirista, que extrai do objeto real dado sua essência, é uma abstração real, que coloca o sujeito de posse da essência real”. (Althusser, 1967a, p.42)

O idealismo objetivo de Hegel o diferencia do idealismo subjetivo que é operado por Kant (1959; 1999), por exemplo, pois Hegel acrescenta ao par essência – fenômeno o movimento dialético e teleológico e, com isso, propõe uma compreensão diferente da encontrada em Kant do que se deve entender sobre as coisas em si. Kant teria ficado “na metade do caminho, enquanto entendeu o fenômeno apenas no sentido subjetivo, e fixou fora dele a essência abstrata como a coisa em si, inacessível ao nosso conhecimento” (Hegel, 2012, p. 251).

Mas, ao contrário do materialismo, Hegel considera uma identidade entre a realidade e o pensamento. Segundo Hegel, a “essência é o conceito enquanto conceito posto”. O ser persiste, mas a essência é o “ser enquanto aparecer em si mesmo”, não sua aparência¹. A essência “é o ser que foi para dentro de si” (Hegel, 2012, p.222-223).

“‘Todas as coisas têm uma essência’, com isso se declara que elas não são verdadeiramente aquilo como imediatamente se mostram. Também não está tudo resolvido com o simples circular de uma qualidade para outra, do qualitativo para o quantitativo, e vice-versa; mas há nas coisas algo permanente, e este é, antes de tudo, a essência”. (Hegel, 2012, p.223)

As coisas “como imediatamente se mostram” é o que ele chama de aparência. Há na definição da essência como algo que é permanente a ideia do inessencial à qual se refere Althusser, como visto mais acima: a essência é o que a coisa é, despida de variações secundárias. Mas Hegel afirma que o inessencial é a compreensão exterior do ser, separado da essência e que, portanto, o

“inessencial está no modo da imediatez. [...] A esfera da essência torna-se, por isso, uma combinação ainda imperfeita da imediatez e da mediação. Nela tudo está posto de modo a referir-se a si e, ao mesmo tempo, a ser ultrapassado. [...] Por conseguinte, é a esfera da contradição posta; contradição que na esfera do ser é somente em si”. (Hegel, 2012, p.226)

O caminho de Marx é oposto: o pensamento é apenas o reflexo na mente do concreto, na forma de concreto pensado, da realidade expressa através de conceitos: abstrações reais que “partem da realidade material e revelam *concretos universais*” (Saad Filho, 2011, p.22).

“Por conseguinte, essência é, primeiro, uma categoria lógica que fornece as mediações básicas para a reconstrução do concreto no pensamento. Segundo, ela é a fonte real ou atual (em vez de apenas teórica ou ideal) dos particulares. Terceiro, ela é um resultado que emerge historicamente. [...] A análise sistemática da essência e de seu desenvolvimento ilumina as relações entre os particulares, e permitem a introdução de conceitos que expressam essas relações, que são necessários para a reconstrução do concreto no pensamento.” (Saad Filho, 2011, p.22)

Marx diz, em *O Capital*, que se essência e aparência coincidissem não seria

¹É importante salientar que Hegel também distingue os conceitos de aparência e fenômeno: “A existência, posta em sua contradição, é o fenômeno. Este não se deve confundir com a simples aparência. A aparência é a verdade mais próxima do ser, ou da imediatez.” (Hegel, 2012, p.250)

necessária a ciência (cf. Marx, 1988, Livro III, vol. 5, p.253, vol.V). A realidade concreta existe objetivamente e independentemente do conhecimento que pode ser produzido sobre ela. Está ainda, no processo de conhecimento, “continuamente presente como pressuposto da representação” (Marx, 2011, p.55).

Na *Introdução de 1857*, Marx (2011, p.54) havia escrito:

“O concreto é concreto porque é a síntese de múltiplas determinações, portanto, unidade da diversidade. Por essa razão, o concreto aparece no pensamento como processo da síntese, como resultado, não como ponto de partida, não obstante seja o ponto de partida efetivo e, em consequência, também o ponto de partida da intuição e da representação”.

No prefácio da primeira edição de *O Capital*, Marx afirma que seu objetivo é estudar “o modo de produção capitalista e as suas relações correspondentes de produção e circulação”. Assim como o físico que observa os processos naturais “onde eles aparecem mais nitidamente e menos turvados por influências perturbadoras”, Marx escolhe a Inglaterra como “ilustração principal” para sua “explanação teórica”. Utiliza ainda termos das ciências biológicas para explicar o início da exposição² de *O Capital* pela análise da mercadoria e de sua dificuldade: “o corpo desenvolvido é mais fácil de estudar do que a célula do corpo” e “para a sociedade burguesa a forma celular da economia é a forma de mercadoria do trabalho ou a forma do valor da mercadoria”. A “faculdade de abstrair”, na análise das formas econômicas, aparece como o recurso ou instrumento principal, assim como servem os reagentes químicos e o microscópio nas ciências biológicas. (Marx, 1988, Livro I, vol.1, p.18)

Este último elemento é decisivo: a abstração real de que fala Marx é um instrumento do conhecimento, um recurso que somente pode ser operado através da

²O processo de conhecimento não está relacionado diretamente à mesma ordem de aparecimento do objeto real (processo histórico), assim como a sua exposição não obedece à ordem cronológica do objeto real. No *Posfácio da 2ª Edição de O Capital*, Marx distingue o *método de exposição* do *método de pesquisa*: este consiste em “captar detalhadamente a matéria, analisar as suas várias formas de evolução e rastrear sua conexão íntima”; aquele (o método de exposição) é a exposição adequada do movimento real, a exposição do conhecimento obtido, portanto, a vida da matéria “espelhada idealmente” (1988, Livro 1, vol.1, p.26). O ponto de partida da exposição do resultado de sua pesquisa em *O Capital* é a mercadoria – que ele chama “a forma celular da economia” (1988, Livro I, vol.1, p.18) -, mas não é o ponto de partida da análise e, portanto, do conhecimento do modo de produção capitalista. O ponto de partida da análise é a “produção de indivíduos socialmente determinada” (Marx, 2011, p.39), “produção em um determinado estágio de desenvolvimento social – da produção de indivíduos sociais” (Marx, 2011, p.41).

“intuição e representação” do real e a partir das categorias que norteiam a análise, que a qualifica e lhe dá conteúdo e forma expositiva através de conceitos.

“[...] a totalidade concreta como totalidade de pensamento é, de fato, um produto do pensar, do conceituar; mas de forma alguma é um produto do conceito que pensa fora e acima da intuição e da representação, e gera a si próprio, sendo antes produto da elaboração da intuição e da representação em conceitos”. (Marx, 2011, p.55)

De maneira sintética, o sentido de essência a partir das obras de maturidade de Marx é o conjunto de fenômenos e processos que determinam a realidade objetiva e que pode ser conhecido pelo trabalho intelectual que, a partir dos dados sensíveis da realidade capta seus nexos causais, contradições e possibilidades. Na obra de maturidade de Marx, essência é, objetivamente, o conjunto articulado de elementos que determina e delimita o todo social, como a articulação das estruturas de um modo de produção.

I.2. ESSÊNCIA E FENÔMENO

Essência e fenômeno aparecem sempre relacionados em qualquer corrente do pensamento. No marxismo, essência e fenômeno formam uma unidade e não estão desligados um do outro na realidade concreta. Os fenômenos são manifestações da essência, revelam apenas parcialmente a essência e, por isso, se tomados isoladamente, apresentam apenas um quadro deturpado da realidade. A essência somente pode ser apreendida através do aprofundamento da análise, portanto, através do conhecimento, o que nos leva a compreender a frase já citada de Marx sobre a inutilidade das ciências caso os fenômenos coincidissem totalmente com a essência.

Portanto, o conhecimento da essência não é o resultado da depuração da realidade de aspectos que não são essenciais, tampouco é próprio da razão e do espírito, desempenhando um papel criativo no mundo real, e, muito menos, a característica ontológica da humanidade, mesmo que alienada.

Os filósofos soviéticos Rosental e Straks (1965, p. 54) assim definem a relação entre fenômeno e essência:

“O fenômeno e a essência expressam a complexa unidade dos aspectos

internos e externos dos objetos e processos da realidade objetiva. Enquanto categorias do conhecimento, refletem a unidade dialética dos graus sensível e racional do processo cognoscitivo, que revela a essência profunda das coisas, sobre a base da prática.”

É possível conhecer a essência de qualquer fenômeno, o que significa que é possível construir uma teoria da essência de qualquer fenômeno particular ou conjunto de fenômenos. Mas o mais importante é que apenas podemos compreender um fenômeno quando relacionado ao conjunto de fenômenos que formam a essência à qual pertence, ou seja, o fenômeno precisa ser explicado com relação à essência. Não há uma essência de um fenômeno que não seja a própria essência da qual tem origem e é parte.

I.3. ESSÊNCIA, ESTRUTURA E MODO DE PRODUÇÃO.

Afirmamos acima que Marx não define diretamente o que compreende por essência nas suas obras de maturidade e que, em nossa compreensão, essência a partir dessas obras é a articulação das estruturas próprias de um modo de produção específico, sendo a estrutura econômica determinante em última instância das demais.

Podemos afirmar que a ausência de uma definição explícita de essência nas obras de maturidade é devida a duas razões. A primeira é porque Marx rompe com o antropologismo juvenil e com a concepção de uma essência humana que deveria se realizar, como tratamos no primeiro item. A segunda razão é porque nas obras de maturidade a essência é o todo social, resultado da articulação das estruturas econômica, jurídico-política e ideológica, portanto, o próprio modo de produção. O antropocentrismo da juventude desaparece nas obras de maturidade e cede o lugar ao conceito de modo de produção, cuja articulação estrutural delimita e determina as relações sociais e, portanto, o próprio humano: no prefácio à primeira edição de *O Capital*, Marx define as “pessoas” (*Personen*) como portadoras ou suportes (*Träger*) de relações de classes e interesses, criaturas (*Geschöpf*) das relações sociais nas quais estão inseridas, portanto, apenas são essencialmente produtos do meio, que é resultado do desenvolvimento histórico-natural (cf. Marx, 1988, Livro I, Vol. 1, p.18; Marx, 1957, p.04).

O que podemos entender por articulação das estruturas de um modo de

produção é, sem dúvida, o que lhe dá especificidade: são as características específicas de cada uma das estruturas (diferentes em modos de produção distintos). Articulação das estruturas que delimitam e determinam o todo social é, sem dúvida, sinônimo de modo de produção³. No *Prefácio* de 1859, Marx fala da estrutura⁴ econômica (*struktur*) e da superestrutura (*überbau*⁵) jurídico-política e ideológica para explicar que a articulação dessas estruturas forma um todo social específico, determinado em última instância pela estrutura econômica.

O que diferencia o marxismo de qualquer teoria estática das estruturas é que há movimento. A dialética marxista compreende o movimento da reprodução do modo de produção como gerador de contradições derivadas, que abrem as possibilidades da transição e possibilitam práticas também transformadoras.

Assim como é possível definir a essência de um modo de produção particular a partir da análise das estruturas, também é possível definir cada uma das estruturas tendo como referência o conjunto. Isso significa que é possível identificar especificidades de cada uma das estruturas, assim como do modo de produção em conjunto, que podem possuir alterações na forma em que existem concretamente em formações sociais distintas, mas não no seu papel dentro do modo de produção (no caso das estruturas analisadas separadamente), nem no que determina essencialmente um modo de produção. É possível, a partir da análise dos fenômenos, chegar à essência de qualquer modo de produção, assim como foi possível constituir um conceito de modo de produção geral e também de modos de produção específicos (escravista, feudal, capitalista etc.).

Esse conjunto de afirmações é importante para que fique claro que não tratamos como a essência do modo de produção apenas a estrutura econômica, ou mesmo apenas as relações sociais de produção. A estrutura econômica é

³Sinônimo de modo de produção da maneira como o conceito foi desenvolvido pela corrente althusseriana, ou seja, modo de produção não designa apenas a estrutura econômica (as relações sociais de produção e as forças produtivas), mas a articulação da estrutura econômica, jurídico-política e ideológica.

⁴Tomamos como definição de estrutura a que aparece em Decio Saes (1998, p.25): “[...] estrutura é um conjunto particular de valores que orienta certo tipo de atividade social, fixando limites (valorativos) dentro dos quais se desenvolvem as ações sociais desse tipo. Noutras palavras: estrutura é um padrão valorativo seguido pelas práticas sociais de certo tipo.”

⁵O verbo latino *struo*, do qual deriva a nossa palavra *estrutura* também sugere a ideia de construção, de sobreposição. A raiz serve, com a adição de prefixos, a verbos derivados como construir, destruir, instruir etc.

determinante em última instância das demais estruturas, mas cada modo de produção, de acordo com as necessidades da reprodução, possui uma estrutura que assume papel dominante interno, por exemplo: a estrutura ideológica no modo de produção feudal; a própria estrutura econômica no modo de produção capitalista. (cf. Poulantzas, 1968, p. 10-11; 23-26).

Compreender, portanto, a essência de um modo de produção como a articulação de suas estruturas, tendo como determinante em última instância a estrutura econômica nos permite: compreender as interações recíprocas entre as estruturas; tratar o modo de produção como um todo articulado com dominante, ou seja, compreender o papel de cada estrutura no processo de reprodução e, assim, as características específicas que seu conjunto possui, determinando um modo de produção específico.

A determinação em última instância da estrutura econômica no processo de constituição de um modo de produção determina o papel das demais estruturas. Uma vez constituído o modo de produção, a constituição dessas estruturas pode sofrer mudanças, mas sempre em função do papel que devem cumprir, assim como a estrutura econômica deve continuar a se reproduzir com as mesmas características, como condição de permanência desse modo de produção. Ainda que a forma se modifique – formas de governo na estrutura jurídico-política, por exemplo –, o que define a essência é o papel que cada uma das estruturas cumpre e como se articulam num dado modo de produção.

Marx (1974a, p.22-23), na *Crítica do Programa de Gotha*, se expressa nesse sentido:

“[...] os distintos Estados dos distintos países civilizados, apesar da heterogênea diversidade de suas formas, têm em comum que todos eles se assentam sobre as bases da moderna sociedade burguesa, ainda que ela se encontre em alguns lugares mais desenvolvida que em outros, no sentido capitalista. Têm, portanto, certas características essenciais comuns”.

A essência se refere às características próprias e específicas de um modo de produção. As estruturas próprias de um modo de produção qualquer, ainda que possam conter diferenças formais se a comparação for feita entre formações sociais concretas, cumprem o mesmo papel dentro do quadro desse modo de produção.

I.4. MODO DE PRODUÇÃO E FORMAÇÃO SOCIAL

Essas diferenças formais podem ocorrer derivadas de questões secundárias para a essência do modo de produção, que podem ser identificadas na história da constituição e desenvolvimento do modo de produção localmente, bem como podem variar dependendo da correlação de forças existente numa conjuntura específica, pela luta de classes.

Essas diferenças podem ser mais bem compreendidas se distinguimos os conceitos de modo de produção e formação social. Conforme Poulantzas (1968, p. 11-12), o conceito de modo de produção, assim como o conceito de modo de produção capitalista, é um objeto abstrato-formal, que não existe na realidade concreta. É o conceito de formação social que se refere a um objeto real-concreto, ou seja, é como ele ocorre especificamente em dado momento e espaço.

A formação social, portanto, se refere às características específicas da combinação possível de diversos modos de produção na realidade concreta e às particularidades do desenvolvimento de um dado modo de produção da maneira como pôde ocorrer concretamente, levando em consideração aspectos diversos: os modos de produção existentes; o período histórico e a conjuntura mundial; a luta de classes, elementos culturais, geográficos etc., e como interagem e se combinam, se chocam e transformam ou são metamorfoseados no todo social.

Isso permite analisar formações sociais capitalistas distintas. São formações sociais capitalistas porque têm, como predominante, o modo de produção capitalista, mas têm aspectos distintos por partirem de realidades objetivamente distintas, em tempos distintos ou não. A Inglaterra e o Brasil; a América Latina e a Europa etc..

A variação de elementos internos e externos opera na especificidade de cada formação, assim como pode operar nos processos de reprodução e de transição. Portanto, ainda que se trate do mesmo modo de produção capitalista, a especificidade objetiva que adquire numa dada formação social permite constituir teoricamente a essência dessa formação social específica, que coincide com a essência do modo de produção capitalista, mas, ao mesmo tempo, não pode prescindir dos seus elementos

próprios e específicos, sob o risco de relacionar os demais elementos que formam o todo social concreto como a parte inessencial. Por exemplo, quando se empreende um estudo da formação social capitalista brasileira, é parte da compreensão de sua essência sua constituição histórica, a combinação com outros modos de produção, sua inserção nas relações mundiais, o papel cumprido na sua formação pelas classes sociais e pela luta de classes etc.

Por fim, resta mencionar que temos sempre que distinguir dois momentos distintos da análise: o da reprodução de um modo de produção e o da transição de um modo de produção a outro, visto que no primeiro caso temos a análise da reprodução de uma dada articulação estrutural e, no segundo momento, a análise deve se fixar na transformação e constituição de novas estruturas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de Marx tratar pouco do conceito de essência nas obras de maturidade, nossa perspectiva é que o materialismo histórico rompe com o viés antropológico das obras de juventude, com a filosofia que lhe dá suporte e, portanto, com o tratamento teleológico da história e do seu fim.

Os limites do artigo não nos permitem avançar para além da tentativa de problematizar e apresentar um sentido de essência nas obras de maturidade de Marx. Mas tal esforço teórico, ainda que breve, pode servir de base e ponto de partida para a análise de temas relacionados aos processos de reprodução e transição, que nos obrigam a discutir outros conceitos fundamentais do materialismo histórico, como os de aparência, necessidade, acaso, ideologia, luta de classes etc..

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, Louis. *Pour Marx*. 4ed. Paris: François Maspero, 1967.

_____. “Du 'Capital' a la philosophie de Marx”. In: ALTHUSSER, Louis; MACHEREY, Pierre; RANCIÈRE, Jacques. *Lire le capital – tome I*. 3ed. Paris: François Maspero, 1967a, p.09-92.

DUDLEY, Will. *O idealismo alemão*. Petrópolis: Vozes, 2013.

FICHTE, Johann Gottlieb; SCHELLING, Friedrich von. *Escritos filosóficos*. São Paulo: Abril, 1973.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Introdução à história da filosofia*. São Paulo: Hemus, 1976.

_____. *Enciclopédia das ciências filosóficas I – A ciência da lógica*. 3ed. São Paulo: Loyola, 2012.

KANT, Immanuel. *Prolegômenos a toda metafísica futura*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1959.

_____. *Crítica da razão pura*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

LÊNIN, V. I.. *Cahiers philosophiques*. Paris: Éditions Sociales, 1955.

MARX, Karl. *Das Kapital*. Stuttgart: Kröner, 1957.

_____. “Crítica ao programa de Gotha”. In: ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. *Obras Escogidas*. Moscou: Progresso, vol. III, 1974.

_____. *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo: Abril Cultural, 1987.

_____. *O Capital*. 3ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988 – 05 volumes.

_____. *Grundrisse*. São Paulo: Boitempo, 2011.

POULANTZAS, *Pouvoir Politique et classes sociales*. Paris: Maspero, 1968.

ROSENTAL, M.; STRAKS, G.M.. *Categorias del materialismo dialéctico*. México: Grijalbo: 1965.

SAAD FILHO, Alfredo. *O valor de Marx: economia política para o capitalismo contemporâneo*. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

SAES, Decio. O impacto da teoria althusseriana da história na vida intelectual brasileira. In: MORAES, João Quartim de (org). *História do marxismo no Brasil – volume III: teorias e interpretações*. Campinas: Editora da Unicamp, 1998, p.11-122.